

## UM POUCO DE HISTÓRIA PARA FAZER HISTÓRIA:

### 20 Anos de CBCE

Valter Bracht

*“Es imposible fijar el contenido conceptual de las palabras permanentemente.”*

(C.E. Martyniuk)

*“Existe uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da ciência”.*

(E. Morin)

#### O SENTIDO DESTES (E OUTROS) ESCRITOS

Gostaria de ver entendida, a presente versão da história do CBCE, na perspectiva de que a narrativa histórica não é apenas (re)construção do passado, mas também construção do presente, à medida que, como forma de auto-conhecimento, incide sobre e influencia a vida presente e futura.

Trata-se de uma característica do conhecimento na modernidade que Giddens (1991) denomina de reflexividade e que “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (p.45).

Aventar essa possibilidade de influência do (auto) conhecimento<sup>2</sup>, não significa advogar uma posição idealista, e sim, reafirmar sua inserção e conseqüente responsabilidade social, como também, e sobretudo, trabalhar com a perspectiva de que o auto-conhecimento imprime à realidade social uma condição de instabilidade e recoloca, conseqüentemente, a necessidade de renovação constante deste mesmo conhecimento que pretende apreendê-la.

Não que não exista, como diz Giddens (1991 p.51), “um mundo social estável a ser conhecido mas de que o conhecimento deste mundo contribui para seu caráter instável ou mutável”. Daí não se possível um controle sobre a realidade social a partir do conhecimento, nos mesmos moldes que possível no caso da realidade física ou natural. Da que está indicada, também, uma certa humildade que não é resignação - frente à realidade.

Gostaria de ver entendido este escrito, também, como exercício da autocritica que toda comunidade acadêmica deve cultivar. Para àqueles que delegam esta tarefa a uma possível ciência da ciência, gostaria de dizer que tal autocritica não pode se dar dentro dos limites de uma racionalidade científica estreitada nas suas possibilidades pelo credo empirista e positivista. É preciso operá-la a partir de uma racionalidade ampliada, que possa abarcar a dimensão ética e, mais, que esteja aberta ao diálogo com outras formas de conhecimento.

Com este pano de fundo, tomarei como eixo para analisar os 20 anos do CBCE, o papel que esta entidade vem desempenhando na construção do campo acadêmico que chamamos ora de Educação Física, ora de Ciência(s) do Esporte, ou, como querem outros, Ciência(s) do Movimento ou da Motricidade Humana. Adicionalmente, pretendo focar os desafios que se colocam ao CBCE no plano político-acadêmico, posicionando-me a respeito das perspectivas do seu enfrentamento.

#### O PAPEL DO CBCE NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO

É preciso, para entender o papel do CBCE no processo de construção do campo, aclarar, pelo menos, três pontos: a) de qual campo acadêmico

<sup>2</sup> Presidente do CBCE nas gestões 1991/93 e 1993/95. Atualmente é professor do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>3</sup> Todo conhecimento em ciências sociais é, intrinsecamente, auto-conhecimento.

estamos falando; b) em que momento do processo de construção do campo, o próprio CBCE surge e a partir de quais motivações/interesses, e c) o próprio conceito de campo acadêmico ou científico com o qual operamos.

As diferentes e múltiplas denominações, assim como as diferentes interfaces e múltiplas abordagens que encontramos no “campo”<sup>4</sup>, são já os indicadores das dificuldades que se encontra quando a pretensão é determinar os contornos/limites do campo ou identificar sua especificidade capaz de lhe conferir uma identidade própria. Parece-nos que não existe forma melhor de buscar respostas a essas questões do que recuperar a gênese do campo.

Como estamos conscientes de que operaremos com um (pré)conceito de campo, cabe então explicitá-lo. Tomando Bourdieu (1983, p.122ss)<sup>5</sup> como referência, podemos dizer que um campo é um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), que é lugar, espaço de jogo de uma luta concorrencial. “O que está em jogo especificamente nessa luta (no campo científico, V.B.) é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social, ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado”. Dizer que o campo é um lugar de lutas é “recordar que o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse (as práticas científicas não aparecendo como ‘desinteressadas’ senão quando referidas a interesses diferentes produzidos e exigidos por outros campos)”<sup>6</sup>(Idem, p.122-3). Adotar esta noção de campo, significa, segundo Paiva (1994, p.77), tomar como fio condutor da análise, a violência simbólica exercida na luta interna travada neste recorte do campo da produção de conhecimento específico na e da EF para o *re-conhecimento* da autoridade e da competência científica nas pesquisas em “ciências do esporte” e, através destas, imputar diferentes sentidos e significações à prática da EF.

Pois bem, a gênese do campo acadêmico da Educação Física/Ciências do Esporte (EF/CE)<sup>6</sup> está associada claramente, no meu entendimento, ao desenvolvimento, na modernidade, de formas racionalizadas de intervenção sobre o corpo que, no século XIX, foram sistematizadas como métodos ginásticos<sup>7</sup>. Ali, os conhecimentos das ciências biológicas emergentes, tanto referendavam a necessidade de tal exercitação racional, como forneciam os elementos para a determinação do como deveria se dar tal intervenção sobre o corpo, ou seja, as técnicas corporais.

Naquele momento histórico, os conhecimentos das ciências biológicas e os da própria medicina serviram de fundamento dos métodos ginásticos. Ressalto, no entanto, que a *gênese do campo está associada ao desenvolvimento de uma tecnologia de intervenção* (no corpo) e, enquanto tal, até para se diferenciar da médica, era adjetivada de pedagógica. Os interesses que legitimavam socialmente o surgimento do campo relacionavam-se com as necessidades da sociedade burguesa emergente.

Na verdade, *a partir e em torno dessa prática*, que, aliás, incorpora outras formas culturais do movimentar-se humano para além da ginástica (como o esporte, a dança, as lutas, etc.), constrói-se uma comunidade e um campo acadêmico compostos, inicialmente, por intelectuais com formação, principalmente, nas ciências biológicas. Já, nesse momento, encontramos no campo três diferentes agentes, ou uma diferenciação de papéis: a) o intelectual produtor de conhecimento fundamentador da prática - que estava ligado à comunidade científica de origem; b) o intelectual tradutor destes conhecimentos em uma tecnologia ou método - muitos dos quais ligados à instituição militar; e c) o aplicador desses métodos, os instrutores de ginástica.

Entendo ser possível identificar uma característica central da teorização presente nos primórdios da construção do campo. Refiro-me ao fato de que a teorização da Ginástica Escolar e mesmo não-escolar era realizada a partir de um olhar pedagógico (médico-pedagógico, moral-peda-

<sup>4</sup> Denominações como: Educação Física, Ciência(s) do Esporte, Ciência da Motricidade Humana, Ciência(s) do Movimento Humano, etc. Interfaces com a Medicina, a Fisiologia, a Sociologia, a Psicologia, a Pedagogia, etc.

<sup>5</sup> A história do CBCE, a partir do referencial teórico de P. Bourdieu, foi estudada por Paiva (1994), onde o leitor pode encontrar também uma boa apresentação e aplicação da teoria dos campos desse autor.

<sup>6</sup> Tomo provisoriamente esta denominação, pois é a mais presente, nos últimos oito anos, no interior do CBCE, mas que rivaliza com outras como: Ciência(s) do Movimento Humano e Ciência da Motricidade Humana. Uma discussão epistemológica sobre as possibilidades de uma Ciência do Movimento Humano ou Motricidade Humana foge ao escopo do presente texto.

<sup>7</sup> A respeito ver os textos de Soares (1997, 1998).

gógico), ou seja, as práticas corporais eram construídas e vistas como instrumentos de educação para a saúde e para a educação moral. Teorizar era fundamentar uma prática pedagógica envolvendo práticas corporais, embora com base em um arcabouço teórico-metodológico marcadamente biológico. Outra característica é a de que essa teorização era realizada, necessariamente, por intelectuais de outros campos (medicina, militar, pedagogia, cientistas políticos), uma vez que o campo acadêmico "EF" (ou ginástica) não havia ainda se constituído. Isso passa a se concretizar com a formação, em nível de terceiro grau, de profissionais civis de EF, bem como da afirmação desta enquanto curso de formação de professores nas instituições superiores de ensino.

As características da formação de instrutores de ginástica, inicialmente, e de professores de EF mais recentemente, fortemente marcadas pela idéia de treinamento através da execução de movimentos, fizeram retardar o aparecimento do intelectual da EF. Não me refiro aqui ao intelectual no singular, mas sim, deste agente social pertencente a um campo acadêmico capaz e instrumentalizado para construir teoria que fundamente a prática pedagógica em EF. Existem indicadores de que os intelectuais que pensaram a EF brasileira, nesse período, trouxeram/adquiriram o instrumental para tanto em outros campos, ou seja, o campo da "EF" não disponibilizava dos meios para teorizar sua prática. De qualquer forma, o discurso, a teorização nesse campo emergente era, até a década de 60, marcadamente de caráter pedagógico.

A partir de então, passa a ganhar espaço um "teorizar" cientificista. Logo, levantou-se a questão se a EF era uma ciência ou uma disciplina acadêmica ou científica. Essa questão foi levantada muito em função de uma pressão do meio científico para que a EF se legitimasse nesse campo. A presença e/ou permanência da EF na Universidade, *locus* privilegiado do fazer científico, precisava legitimar-se também sob o prisma epistemológico, daí colocar-se a pergunta pelo *status* acadêmico/científico da EF. *Para tanto, era necessário agregar à EF as práticas científicas*, o que é diferente de apenas buscar os fundamentos científicos em "outras" disciplinas.

Fator determinante para esta nova onda cientificista na EF, no entanto, foi o enorme desen-

volvimento que sofreu, no pós II Guerra Mundial, o fenômeno esportivo e como ele foi absorvido ou se impôs à EF.

As décadas de 60 e 70 são cruciais para o campo acadêmico da "EF" e isto não somente para o caso do Brasil. Aliás, no Brasil, esse movimento apresenta um atraso de quase uma década em relação aos países capitalistas desenvolvidos. Whitson e Macintosh (1990) retratam como, no Canadá, nas décadas de 60 e 70, o discurso humanista da EF foi substituído por um outro do tipo cientificista, com base nas Ciências do Esporte (CE) ou Ciências do Movimento Humano, sob a influência dos EUA. Willimczik (1987), por outro lado, analisando o desenvolvimento da Ciência Esportiva (Sportwissenschaft) na Alemanha, afirma que a discussão teórico-científica naquele país sobre a questão do objeto dessa "área" centrou-se, no período de 1935 a 1970, na contraposição entre teoria da EF (Leibeserziehung) e teoria dos exercícios corporais (Leibesübungen). Mas, em primeiro plano, o objeto era visto como um objeto pedagógico. No final dos anos 60, impôs-se a denominação Ciência Esportiva, e isso, segundo o autor, em função da tendência internacional nesse sentido, bem como do fato de que o esporte se tornou o fenômeno dominante nessa área. Dietrich e Landau (1987, p. 384ss.) vão mais além, afirmando que o conceito de Pedagogia Esportiva (Sportpädagogik) determinou o fim da época do conceito de Teoria da EF (Leibeserziehung) com suas concepções orientadas nas teorias da educação. Além disso, também a Pedagogia Esportiva, como outras sub-disciplinas da Ciência Esportiva, vai ser funcionalizada a partir dos interesses da instituição esportiva.

Podemos perceber então, pelas análises de Greendorfer (1987), Whitson e Macintosh (1990), Willimczik (1987) e Dietrich e Landau (1987) que, tanto na Alemanha como no Canadá e EUA, nas décadas de 60 e 70, observamos uma mudança no teorizar neste campo em construção, passando de um objeto marcadamente pedagógico para um objeto que se orienta na melhoria da performance ou do rendimento esportivo, sentido central desse sistema.

Vejamos como isto se deu no Brasil. A política para o setor da EF/Esportes do Governo Federal, no final da década de 60 e na de 70, esteve orientada para a melhoria do desempenho esportivo do país<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Evidências disso podem ser encontradas nos documentos: Diagnóstico da EF e dos Desportos no Brasil (1971); Plano Nacional de EF e Desportos, 1976-1979, e em Gonçalves, J.A.P. Subsídios para implantação de uma política nacional de desportos. Brasília, 1971, entre outros.

O "Diagnóstico da EF/Desportos no Brasil" apontou uma deficiência no âmbito da Medicina Desportiva, considerada uma das razões da deficiência da área. A partir daí, investimentos foram orientados para melhorar o nível de desenvolvimento científico da "área", como incentivo à pós-graduação e investimento em laboratórios de fisiologia do exercício. *Nesse contexto é fundada, no final dos anos 70, uma nova entidade científica: o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).*

Sob a influência da política acima referida, a produção acadêmica volta-se, cada vez mais, para o fenômeno esportivo. É a importância social e política desse fenômeno que faz parecer legítimo o investimento em ciência nesse campo, portanto, não é gratuita a denominação de Colégio Brasileiro de Ciências do *Esporte*. Por sua vez, aqueles que atuam no campo ou tem interfaces com ele privilegiam o tema esporte porque é ele que oferece as melhores possibilidades de acumulação de capital simbólico via seu tratamento científico. São pesquisas que dele se ocupam que têm maiores chances de serem reconhecidas no campo e fora dele<sup>9</sup>. Ou seja, é a importância política e social do fenômeno esportivo (ou do desempenho esportivo do país no plano internacional) que confere legitimidade ao próprio campo acadêmico da .... "EF" ou, agora, Ciências do Esporte ou ainda, EF e Ciências do Esporte (CE).

Segundo Paiva (1994), o CBCE, nos seus primeiros anos, fez o discurso de "elevar" a profissão de EF à condição de Ciências do Esporte, como se pode ler no editorial da RBCE 2(2): "(...) o professor de EF não pode mais ser representado como um homem forte e de boa vontade (...): em resumo, ele hoje não é mais o 'professor de ginástica', mas o mestre em ciências do esporte". Portanto, o CBCE é produto e produtor da idéia de cientificação da EF, via as Ciências do Esporte.

É nesse contexto que se afirma a EF nas universidades, possibilitando um discurso científico na área, com reivindicação consequente de cursos de pós-graduação, simpósios científicos, entidades científicas, financiamento de pesquisas científicas, estruturação de laboratórios de pesquisa, etc., onde é forjado um "novo" agente social, o intelectual

da EF, ou seja, intelectual com formação original em EF e que agora almeja também a prática científica, ou seja, reivindica e se lança à prática de teorizar (cientificamente) sobre... bem... qual o objeto desse teorizar? Em princípio, o objeto é construído ou ganho, enfocando o fenômeno esportivo, e a problemática central é a melhoria da performance esportiva, mas também a melhoria da saúde da população.

O campo da EF/CE e o próprio CBCE (que dele faz parte de forma significativa<sup>10</sup>) são frequentados, nas décadas de 70 e 80, por profissionais de diferentes disciplinas. Eles são pluridisciplinares: médicos, psicólogos, sociólogos, professores de EF, etc. É importante destacar, no entanto, que o teorizar de caráter cientificista vai se dar fundamentalmente a partir das ciências-mãe, como a fisiologia, a psicologia, etc. como ainda hoje diagnosticam Gaya (1994), Greendorfer (1987) e Willimczik (1987), com tendências à especialização a partir de sub-disciplinas, ficando, os problemas colocados pela prática esportiva, também em segundo plano. Ora, o profissional de EF, num primeiro momento, premido pela busca de reconhecimento no e para o campo e para o CBCE, vincula-se a uma especialidade ou a uma sub-disciplina das ciências do esporte e torna-se um "cientista" no âmbito da fisiologia do exercício, da biomecânica, da sociologia do esporte e não um cientista da EF. É fácil perceber que a EF, enquanto prática pedagógica, quase desaparece do horizonte de preocupações desse teorizar, com exceção das preocupações como as que buscavam identificar qual o método mais eficiente para ensinar determinada destreza (esportiva).

O discurso pedagógico que havia caracterizado este campo em construção, até mais ou menos a década de 60, tem pouca penetração e repercussão no interior do CBCE, nos seus primeiros anos. Mais para o final da década de 80, as pesquisas que analisam as tendências da produção nas Ciências do Esporte começam a mostrar um aumento crescente das pesquisas na área que vai ser denominada, por essas análises, de pedagógica<sup>11</sup> (Matsudo, 1983, Gaya, 1994).

<sup>9</sup> É bom lembrar que, para Bourdieu (1983,p.124), "é inútil distinguir entre determinações propriamente científicas e as determinações propriamente sociais das práticas essencialmente sobredeterminadas".

<sup>10</sup> Aos poucos, o CBCE passa a ser reconhecido como a entidade científica da "área", principalmente pelos professores de Educação Física.

<sup>11</sup> Denominar uma área como pedagógica, na mesma perspectiva que se denomina outras como biológica, filosófica, sociológica, etc., é um equívoco, à medida que a essa classificação falta lógica interna. O caráter da Pedagogia não é monodisciplinar, ela integra tanto os conhecimentos da biologia quanto os da sociologia, exigindo também a reflexão filosófica. Uma classificação como esta desemboca numa situação problemática: devem os professores de EF, enquanto agentes de uma prática pedagógica, aterem-se apenas à "área pedagógica" das Ciências do Esporte, ou devem também interessar-se pelas "áreas" biológica, sociológica, filosófica, etc.?

Esquemáticamente, poderíamos dizer que havia o predomínio intelectual e político no CBCE das visões Esporte-Performance e Esporte-Saúde, em detrimento da visão Esporte-Educação. As duas primeiras perspectivas eram concretizadas por intelectuais, primordialmente, com formação em áreas que não a Educação Física. O entendimento de ciência que esses agentes defendiam e buscavam concretizar poderia ser caracterizada como da ciência empírico-analítica, que colocava a perspectiva da análise filosófica ou política dos fins das práticas corporais como tema não científico, portanto, as tentativas de fazê-lo eram deslegitimadas pela visão de ciência dominante como não-científicas, e assim, não merecedoras de atenção. A esse processo denominamos de despedagogização do teorizar no campo. Além disso, o quadro, nos anos 80 e início dos anos 90, nos Centros e Faculdades de Educação Física e Desportos das universidades que fazem pesquisa e que possuem cursos de pós-graduação, é similar ao que Libâneo (1996) retrata para o caso da Pedagogia: nossas faculdades estão repletas de fisiologistas do esforço, biomecânicos, sociólogos do esporte, historiadores da EF/Esporte, etc. e esvaziadas de professores de Educação Física, mesmo porque aqueles raramente se reconhecem como professores de Educação Física.

Apesar do crescimento dos cursos de pós-graduação em EF que, em linhas gerais, reproduziam a visão hegemônica, também no CBCE, das Ciências do Esporte<sup>12</sup>, alguns professores de EF, muitos dos quais vão ter papel destacado no CBCE, vão buscar, nos cursos de mestrado da área da Educação, sua qualificação acadêmica. Isso vai trazer para o campo uma influência da Pedagogia que havia sido secundarizada pela onda cientificista. Podemos falar, então, de uma re-pedagogização da teorização do campo da EF/CE.

Como o CBCE já é, então, em meados da década de 80, reconhecido como a entidade científica mais importante da área, a luta pela sua direção e pelos rumos acadêmicos e políticos que irá trilhar, torna-se elemento importante do que acontecerá no campo como um todo.

A história das lutas internas no CBCE, que tem como grande divisor de águas a disputa eleitoral de 1989, durante o VI CONBRACE em Brasília/DF, não pode simplesmente ser entendida como

resultado do antagonismo de posições político-ideológicas (e partidárias) de dois ou mais grupos. Isto sim, mas é preciso entendê-la, simultaneamente também, como a luta pela determinação dos sentidos, de quais as problemáticas e a concepção de ciência legítimas. Paiva (1994) assim se expressa a respeito:

*A divergência acerca do que era legítimo em EF/CE e o poder simbólico que está implicado em poder dispor de um dos mecanismos que legitimam a prática científica do campo - notadamente a publicação da Revista Brasileira de Ciências do Esporte - RBCE - e a organização dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte - CONBRACEs - levaram à primeira disputa eleitoral que tornava patente a dissensão acadêmica dentro da instituição (p. 69).*

O crescimento da importância no interior do CBCE do segmento de professores de EF que, aliás, sempre foi maioria, também como direção - no sentido amplo -, agora com a formação pós-graduada na Educação, provocou uma reorientação das pesquisas, voltando-as, mais fortemente, para as ciências sociais e humanas e para as problemáticas específicas da EF enquanto prática pedagógica. Isto foi, equivocadamente a meu ver, interpretado como um alijamento ou uma segregação das "outras áreas" e "outros profissionais" no interior do CBCE. Elas não foram e não são alijadas enquanto um ato intencional da direção do CBCE, mas, em função do que passa a ser entendido como legítimo, precisam ser reorientadas, resignificadas, tomando como referência a problemática própria da EF, ou pelo menos, tendo que fazer concorrer suas problemáticas específicas com aquela que, agora também, é legítima. Visivelmente, os grupos ligados às disciplinas vinculadas às ciências naturais demonstraram sérias dificuldades para participarem desse processo, preferindo retornar às entidades representativas das suas respectivas disciplinas (por ex. Medicina Esportiva), ou criar novas associações (ex. Sociedade Brasileira de Biomecânica) ou ainda, revitalizar iniciativas como o Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, hoje na sua XXI edição, promovido pelo CELAFISCS, berço do CBCE. Outros grupos optaram pela criação de espaços concor-

<sup>12</sup> Isso se deve ao grande número de professores desses cursos qualificados no exterior, principalmente nos EUA e ao intercâmbio internacional, uma vez que, como vimos, essa era também a tendência nos países desenvolvidos.

rentes ao CBCE, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Educação Física, e mais recentemente, o Encontro Nacional de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física.

A opção de pesquisadores ou grupos ligados a uma determinada disciplina de deixar o CBCE ou de passar a não reconhecê-lo como fórum para suas discussões, não se deve a incompatibilidades pessoais (no linguajar popular: fulano de tal brigou com sicrano, ou, o fulano é muito radical ou intransigente, ou é reacionário, etc.). A questão é mais estrutural, é de luta pela hegemonia e envolve as possibilidades de acumulação de capital simbólico.

Em resumo, o CBCE tanto reforçou e colaborou para que uma visão cientificista - a ciência produz/possui a verdade, é objetiva e por isso neutra politicamente - se instalasse no campo, como passou a ser um pólo de resistência e irradiador de uma concepção ampliada de ciência e, principalmente, de reflexão sobre qual ciência se faz no campo e qual se deveria fazer, o que, seguramente, está colaborando para a qualificação acadêmico-científica do campo como um todo.

### **A NOVA-VELHA QUESTÃO: DIVERSIDADE, FRAGMENTAÇÃO, PLURALISMO E UNIDADE NO CBCE**

O CBCE, desde seu nascimento, propôs-se a ser um entidade multidisciplinar, ou seja, albergar as diferentes disciplinas e diferentes pesquisadores interessados em pesquisa na "área" (da Educação Física, das Ciências do Esporte, das Ciências da Atividade Física, da Ciência do Movimento Humano). No entanto, nunca conseguiu construir uma problemática comum que pudesse articular organicamente estas diferentes disciplinas ou pesquisadores. O CBCE sempre foi um aglomerado (ou amontoado?) de disciplinas e pesquisadores, para quem, até determinado momento, era interessante (em função de "interesses interesseiros") estar sob o mesmo teto.

Em momento algum, o CBCE foi efetivamente palco de uma prática interdisciplinar. Ao contrário, foi palco de um "diálogo de surdos", apesar de algumas iniciativas que buscavam incentivar o diálogo entre disciplinas e pesquisadores. Uma das últimas foi o IX CONBRACE, realizado em Vitória/ES, em Setembro de 1995, cujo tema central foi

exatamente a Interdisciplinariedade. O que se viu, naquele evento, foi a total incapacidade dos especialistas de pensarem fora do seu marco disciplinar, de transgredir as fronteiras de suas especialidades e pensarem problemáticas comuns. Ratificou-se a cena comum em nossos congressos, até recentemente: cada um dá seu recado em meio à indiferença simpática dos demais.

Esta falta de diálogo não se pode atribuir, pura e simplesmente, a uma possível má vontade dos pesquisadores. É preciso que se construa uma problemática teórica comum, caso contrário, a tendência à especialização e, portanto, à surdez mútua, continuará. Parece-me que um caminho seria voltar a produção às necessidades da prática; no caso da EF, às necessidades da prática pedagógica. Neste sentido, entendo a estratégia eleita para o X CONBRACE (e mantida para o XI, que acontecerá em Florianópolis, em Setembro de 1999), da constituição de Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs) a partir de temas que permitem/exigem a contribuição de diferentes abordagens (disciplinares), uma ação que pode levar ao diálogo interdisciplinar e, portanto, dar um sentido ou conferir ao CBCE o caráter de *uma* comunidade científica - a velha "unidade da diversidade".

Mas, com este tema, tangenciamos também o da pluralidade de orientações teóricas e de posturas político-ideológicas. O CBCE precisa manter um espaço democrático e isto significa admitir como legítimas todas as posições teóricas e políticas. Um CBCE democrático não significa apenas que as eleições para sua diretoria devam continuar sendo abertas e transparentes, mas sim, e fundamentalmente, que a participação dos sócios na vida da entidade tenha alta densidade e qualidade política. Significa que a direção - no sentido de quais as problemáticas legítimas, quais os temas dos congressos, quais os temas centrais das revistas, como o CBCE deve agir frente às políticas públicas, etc. - e as decisões a este respeito sejam efetivamente da maioria dos sócios do CBCE. Mas estas maiorias precisam ser qualificadas; a questão não é apenas de número. E nesse sentido, o papel das Secretarias Estaduais é fundamental. Um CBCE democrático pressupõe secretarias estaduais fortes e participativas. Decisões democráticas só são aquelas que forem precedidas de um debate qualificador, debate no qual os participantes estão à busca e se submetem ao melhor argumento. Não é desejável definir a priori quais devem ser as ações do CBCE no âmbito das políticas públicas, quais problemáticas

devem ser privilegiadas, etc., isto é o debate qualificado, baseado no discurso argumentativo que deve decidir. Se o CBCE, enquanto entidade que fomenta a produção e veiculação do conhecimento, abdica deste procedimento, abre imediatamente as portas para a instrumentalização política autoritária e amordaça o potencial crítico da ciência.

## BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, P. O campo científico. In: Orjiz, R. (Org.). *Bourdieu*. São Paulo : Ática, 1983, p.122-155.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo : Editora da UNESP, 1991.
- DIETRICH, K., LANDAU, G. Sportpädagogik. In: Eberspächer, H. (Hrsg.). *Handlexicon Sportwissenschaft*. Hamburg: Rowohlt, 1987, p.384-392.
- GAYA, A. *As ciências do desporto nos países de língua portuguesa*. Porto : Universidade do Porto, 1994.
- GREENDORFER, S.L. Specialization, Fragmentation, Integration, Discipline, Profession: What is the real issue? *QUEST*, 39, 1987, p. 56-64.
- LIBÂNEO, J. C. Que destino os educadores darão à pedagogia? In: Pimenta, S.G. (Org.). *Pedagogia, ciência da educação?* São Paulo : Cortez, 1996, p.107-134.
- MATSUDO, V. Palestra proferida no III Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Guarulhos (SP), Set. de 1993.
- PAIVA, F. *Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Vitória : CEFD/UFES, 1994.
- SOARES, C. L. Imagens do corpo "educado": um olhar sobre a ginástica no século XIX. In: Ferreira Neto, A.F. (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: CEFD/UFES, 1997, p.5-32.
- \_\_\_\_\_. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas : Autores Associados, 1998.
- WHITSON, D. J., MACINTOSH, D. The scientization of Physical Education: discourses of performance. *QUEST*, 42(1), April. 1990.
- WILLIMCZIK, K. Sportwissenschaft/Wissenschaftstheorie. In: Eberspächer, H. (Hrsg.). *Handlexicon Sportwissenschaft*. Hamburg : Rowohlt, 1987, p.443-476.